

TELÊMACO À SOMBRA DE ORESTES NO CAMINHO DA IDADE ADULTA*

*Alexandre Santos de Moraes***

Resumo: *O artigo discute a relação que Homero estabelece entre Orestes e Telêmaco, respectivamente filhos de Agamêmnon e Odisseu, no âmbito da consolidação da idade adulta do segundo personagem na Odisseia.*

Palavras-chave: *Homero; Telêmaco; idade adulta; Orestes; heroísmo.*

Nas epopeias homéricas, coexistem personagens cujos principais traços da personalidade permanecem relativamente estáveis, e outros que passam por mudanças significativas. Néstor, Odisseu e Agamêmnon, por exemplo, conseguem resguardar uma identidade muito própria, que se desnuda diante de nós tanto na **Ilíada** quanto na **Odisseia**. Fato semelhante não se dá, contudo, com Aquiles, cuja cólera inicial e arroubo juvenis são substituídos por um tom maduro que redundará na reconciliação com o filho de Atreu e, mais tarde, com a devolução do corpo morto de Héctor ao rei troiano. Diomedes, de modo mais repentino, revela-se um herói incontido e exemplar após ter sofrido duras reprimendas. O mesmo se aplica a Telêmaco, e sua mudança perpassa necessariamente por uma dimensão etária. O filho de Odisseu é um dos exemplos mais importantes para a compreensão de como o movimento de superação da juventude é caracterizado no pensamento de Homero.

É inegável que a transição de graus etários exige uma série de atitudes e acontecimentos. Ao lado das mudanças de caráter biológico, tipicamen-

* Recebido em 01/10/2013 e aceito em 25/10/2013.

** Professor adjunto de História Antiga da Universidade Federal Fluminense (UFF). Membro do Laboratório de História Antiga (Lhia) / UFRJ e do Núcleo de Estudos de Representações e Imagens da Antiguidade (Nereida) / UFF.

te relacionadas ao envelhecimento do corpo, a assunção de uma série de comportamentos e a experimentação de uma gama incontável de situações concorrem para justificar socialmente as posições que os agentes ocupam ao longo do curso de vida. No caso de Telêmaco, já tivemos a oportunidade de sinalizar a importância decisiva de sua participação na assembleia itacense como forma de inscrevê-lo na ação política associada ao universo das aristocracias do período (MORAES, 2010, p. 13-24); há também o destaque para a relevância de seu encontro com Odisseu, que, na mais famosa cena de reconhecimento da **Odisseia**, ratifica o papel da figura paterna para essa mudança. Neste artigo, vamos observar a forma pela qual a narrativa apresenta as ações de Orestes, filho de Agamêmnon e Clitemnestra, como exemplo a ser assumido por Telêmaco e as correspondentes aspirações que as sociedades dos séculos X ao IX a.C. associavam ao processo de formação do homem adulto.

Homero dispõe de um vasto vocabulário para designar as idades da vida, mas não há qualquer palavra capaz de nomear aquilo que compreendemos como “idade adulta”. Na verdade, o surgimento desse termo é um fenômeno não muito distante no tempo. É provável que sua gênese esteja associada ao desenvolvimento das modernas sociedades capitalistas e o correspondente regime de trabalho que se consolidou. Pesa nesse caso a advertência de Hannah Arendt, para quem “a era moderna trouxe consigo uma glorificação teórica do trabalho, e resultou na transformação factual de toda a sociedade em uma sociedade trabalhadora” (ARENDDT, 2010, p. 5). Por extensão, nossa concepção de idade adulta é vertiginosamente dependente do período da vida ligado às atividades produtivas, sendo seus extremos identificados, de um lado, com a etapa formativa necessária ao futuro exercício laboral, e do outro, com a fase associada à interrupção da vida trabalhadora e correspondente aposentadoria. É por essa razão que “a idade adulta é definida como uma fase de independência e participação na sociedade do trabalho” (OFFRE, 1984, p. 55). Conforme assinalou Harry Blatterer, no caso do léxico inglês a adição da palavra *adulthood* é relativamente recente e derivada da apropriação da palavra francesa *adulte*, ela própria uma adaptação do século XVI, feita a partir do latim *adolescere* (BLATTERER, 2007, p. 11). O autor prossegue defendendo que as socie-

dades pré-industriais do Ocidente não reconheciam a idade adulta¹ como uma categoria social definida, questão igualmente percebida por Cheryl Merser, para quem “era-se homem ou mulher se não se fosse uma criança” (MERSER, 1987, p. 52).

A despeito disso, há determinados aspectos ligados à experiência de *ser adulto* que excedem a modernidade do termo. Uma série de autores associa a consolidação da idade adulta ao direito de constituir família, e não simplesmente ao direito à relação sexual (EISENSTADT, 1976; FURSTENBERG, 2004; GILLIS, 1981; MITTERAUER, 1992; PERROT, 1997). Caso admitamos que ao adulto é associada a capacidade de arbitrar a respeito de seus próprios rumos, gozar de autonomia (ou seja, não estar formalmente ligado à dependência do núcleo familiar de origem) e desempenhar papéis sociais interditados àqueles que não são vistos como capazes para tal, identificamos a idade adulta como uma fase da vida particular, ainda que dissimulada no âmbito do curso de vida e existente na maioria das sociedades históricas, incluindo aquelas representadas por Homero, em que a observação empírica do fato é plenamente possível.

Considerando essas premissas, nota-se que, por mais que em Homero não haja vocábulos capazes de definir a idade adulta como um período da vida particularizado, há um interregno entre a juventude e a velhice ao qual não é ligado qualquer adjetivo capaz de identificar a posição etária do agente. Além disso, os mesmos personagens são comumente definidos pelas palavras *άνήρ* (homem) e *γυνή* (mulher) que, além de estabelecerem uma distinção de gênero, são plenamente capazes de denunciar suas posições etárias. É exatamente a condição de *άνήρ* e todas as exigências que recaíam sobre os aristocratas neste grau etário, que Telêmaco deveria alcançar, e o épico não poderia negligenciar que a formação heróica era um dos componentes decisivos. Os quatro primeiros cantos da *Odisseia* (conhecidos como *Telemaquia*) representam momentos privilegiados para a análise dessa etapa formativa.

A primeira menção a Orestes se dá na assembleia dos deuses, logo nos primeiros versos da *Odisseia*. Quem se manifesta a respeito é Zeus, que tinha em mente a memória de Egisto e o assassinato que Orestes lhe imputara. No seu discurso, sinaliza que os deuses, através de Hermes, alertaram o algoz acerca das consequências de assassinar Agamêmnon, dizendo que Orestes o vingaria “quando crescido [estivesse]”, *όπότ’ άν ήβήση* (HO-

MERO, *Odisseia*, I, 41). Atena concordou com Zeus acerca do castigo que coube a Egisto, e utilizou a questão como ensejo para pleitear a possibilidade de assistir Odisseu em seu retorno a Ítaca. A vingança filial é, portanto, legitimada pelos numes.

A segunda menção a Orestes (e a primeira em que é tomado como referência para as ações futuras de Telêmaco) aparece através da fala de Atena. Ela se dá na célebre intervenção da deusa que leva o jovem a convocar a assembleia itacense e, posteriormente, a reunir alguns marinheiros para partir em busca de notícias de Odisseu. Os detalhes, previamente orquestrados pela filha de Zeus, foram explicados em pormenores. Concluindo o diálogo, em uma exortação à ação Atena recorda a fama (κλέος) adquirida por Orestes por ter vingado a morte do pai e sentencia: “Sê bravo, para que os que ainda não nasceram venham a falar de ti” – ἄλκιμος ἔσσι, ἴνα τίς σε καὶ ὀπιγόνων ἐν εἴπη (HOMERO, *Odisseia*, I, 302).

A história, que até este momento permanece incógnita, é-nos dada a conhecer na primeira estadia do jovem. Ao atingir as terras de Néstor, Homero descreve um Telêmaco vacilante, que tergiversa e reconhece as dificuldades que enfrentaria na iminência de ter que dialogar com um indivíduo mais velho. Dirigindo-se a Mentor [Atena sob disfarce], o filho de Odisseu busca algum tipo de apoio sobre como deveria se comportar e diz: “Não tenho experiência nos discursos eficazes, e um jovem se intimida ao inquirir um homem idoso” – οὐδέ τί πο μύθοισι πεπερήμηαι πυκνιοῖσιν: αἰδῶς δ’ αὖ νέον ἄνδρα γεραίτερον ἐξερέεσθαι (HOMERO, *Odisseia*, III, 23-24). Mas Atena o assiste, pois um discurso bem tecido seria um símbolo identitário que o associaria a Odisseu, reconhecidamente um dos ícones homéricos da habilidade retórica: a deusa insufla a coragem – θάρσος – em seu peito, para que “ele conquistasse a glória desejável em meio aos homens” – ἠδ’ ἴνα μιν κλέος ἐσθλὸν ἐν ἀνθρώποισιν ἔχησιν (HOMERO, *Odisseia*, III, 78). O posterior reconhecimento de Néstor foi a confirmação do sucesso da empreitada: o ancião, que foi assaltado de espanto ao contemplá-lo, ratificou a semelhança entre pai e filho no marco do trato com as palavras: “pois teu discurso é tal como o dele; ninguém diria que um homem tão jovem falaria tão adequadamente” – ἦ τοι γὰρ μῦθοί γε εὐκότες, οὐδέ κε φαίης ἄνδρα νεώτερον ὧδε εὐκότα μυθήσασθαι (HOMERO, *Odisseia*, III, 124-125).

O acontecimento teve amplo destaque no diálogo que se seguiu. Néstor relatou que, enquanto os aqueus combatiam os troianos, Egisto ocupou o

palácio de Agamêmnon e começou a assediá-la Clitemnestra. Inicialmente, seus avanços repugnavam-na, mas o período de fidelidade teve fim, e eles acabaram por se unir. Dá-se, porém, que Agamêmnon retornou ao fim da guerra e, dissimulando os acontecimentos pretéritos, o casal arquitetou um plano que levou à morte o irmão de Menelau. Com o rei morto, os micênicos passaram a obedecer a Egisto, que se manteve no poder por sete anos, período em que Orestes educava-se em Atenas (HOMERO, **Odisseia**, III, 303-308). No entanto, no oitavo ano, o filho de Agamêmnon retornou e matou tanto sua mãe quanto Egisto, oferecendo um festim aos argivos por ocasião do funeral do casal ardiloso (HOMERO, **Odisseia**, III, p. 304-310). Antes mesmo de relatar esse episódio, Néstor o tomou como medida para a exortação que faz ao amadurecimento do jovem príncipe:

ὥς ἀγαθὸν καὶ παῖδα καταφθιμένοιο λιπέσθαι
ἀνδρός, ἐπεὶ καὶ κείνος ἐτίσατο πατροφονῆα,
Αἴγισθον δολόμητιν, ὃ οἱ πατέρα κλυτὸν ἔκτα.
καὶ σὺ φίλος, μάλα γάρ σ' ὀρώω καλὸν τε μέγαν τε,
ἄλκιμος ἔσσι', ἵνα τίς σε καὶ ὀψιγόνων ἐν εἴπῃ.

Como é bom quando há, de um homem assassinado, um filho capaz de vingar o assassinio de seu próprio pai, como Orestes a Egisto ardiloso, o mesmo que matara seu pai renomado! E também tu, amigo, pois contemplo-te alto e belo, sê bravo, para que os que ainda não nasceram venham a falar de ti!
(HOMERO, **Odisseia**, III, 196-200)

Nota-se que tanto Néstor quanto Atena, nos usos que fazem do episódio de Orestes, utilizam um verso formular (I, 320; III, 200) que sintetiza a exortação à bravura (**ἄλκιμος**) que Telêmaco deveria desenvolver. Após essa recomendação do rei de Pilos, o próprio Telêmaco roga que os deuses lhe deem semelhante força (**δύναμις**), para que possa vingar a ofensa dos pretendentes (HOMERO, **Odisseia**, III, 205). A viagem continua, e Telêmaco prossegue sendo associado a Odisseu quando, partindo de Pilos, atinge o palácio de Menelau em Esparta, no dia em que o mesmo celebrava as núpcias de suas filhas. Curiosamente, o caso de Orestes não é mencionado, mas o Atrida oferece uma recepção condigna antes mesmo de reconhecê-lo.

Em Pilos e Esparta, além de ser alvo dos olhares admirados de seus pares, capazes de assinalarem para ele próprio sua descendência, pela primei-

ra vez Telêmaco entra em contato com os ritos de hospitalidade tão cultivados pela aristocracia² e que se colocavam como um dos atributos da idade adulta. Há que se destacar, inclusive, a variedade destas experiências (a de Pilos, Esparta e a que ele próprio oferece aos pretendentes em Ítaca, ainda que por imposição), posto que elas apresentam “características próprias e diferentes entre si, fornecendo ao jovem diversas perspectivas e posturas que lhe possibilitam e descortinam, assim, uma orientação e postura ideais a serem seguidas” (TAKAHASHI, 2012, p. 19). Com o fim da *Telemaquia*, Homero se concentra no protagonista, e as ações de Telêmaco deixam de ser mencionadas.

Quando Odisseu finalmente chega a Ítaca, Atena vai a seu encontro. A deusa explica o procedimento do disfarce e indica os caminhos para a chacinha dos pretendentes. Em seguida, diz que vai a Esparta para ordenar que Telêmaco retorne, já que para lá o estimulou a ir com vistas a se informar acerca do paradeiro do pai.³ Odisseu faz, então, um questionamento: “por que tu própria, que tudo n’alma sabe, não o informaste?” – ‘τίπτει τ’ ἄρ’ οὐ οἱ ἔειπες, ἐνὶ φρεσὶ πάντα ἰδύια (HOMERO, *Odisseia*, XIII, 417). É então que Atena declara abertamente seu intento: desejava que o mesmo adquirisse fama excelente através da viagem (HOMERO, *Odisseia*, XIII, 422-423). Apesar de Jessica Wissmann (2009, p. 416) não reconhecer em nenhuma dessas passagens uma finalidade educativa, é inegável que a fama a que se refere a deusa tenha um efeito transformador. Afinal, não há méritos na reclusão, e o contato com as façanhas de Orestes foi amplificado com esse deslocamento.

Telêmaco é uma personagem diferente quando retorna. Como observou Finley, “a maturidade era algo que excedia a cronologia; um indivíduo de vinte anos e de tal linhagem e classe tinha que se desenvolver mais rápido e melhor, e reagir ante às circunstâncias que exigem o comportamento do adulto” (FINLEY, 1978, p. 90). Tal desenvolvimento, de acordo com William Smith, era obliterado por Penélope e pelos pretendentes com vistas a mantê-lo para sempre uma criança, mas esse cenário se altera “através de Atena, que assume o papel de um pai que identifica os passos necessários para que alcance a idade adulta” (SMITH, 2010, p. 5).

A partir do Canto XV, a assunção à idade adulta começa a se mostrar visível. Por mais que Telêmaco ainda estivesse inseguro a respeito de sua maturidade, já que no diálogo com Eumeu e com o falso mendigo volta a declarar-se jovem demais para se defender de alguém que inicie uma con-

tenda (HOMERO, *Odisseia*, XVI, 71-72), há uma inequívoca mudança na sua identidade, notadamente após a célebre passagem em que *reconhece*⁵ o pai (HOMERO, *Odisseia*, XVI, 213-215). As subsequentes caracterizações etárias de Telêmaco são coerentes com essa interpretação. Penélope, por exemplo, preocupava-se com o fato de que o filho poderia se imiscuir junto aos pretendentes que desejavam matá-lo, e exprime este receio à serva Eurínome. Esta, ao fim da resposta, declara: “pois agora teu filho atingiu a idade que aos imortais suplicava: o crescimento de sua barba é visível” – ἤδη μὲν γάρ τοι παῖς τηλικός, ὃν σὺ μάλιστα ἠρῶ ἀθανάτοισι γενειήσαντα ιδέσθαι (HOMERO, *Odisseia*, XVIII, 175-176). Destaca-se, sobretudo, a forma como Telêmaco é visto pelos demais. Ainda mantendo o disfarce de mendigo, Odisseu diz à serva Melanto que, mesmo que o progresso rei de Ítaca não venha a retornar, existe um filho que, por vontade de Apolo, é tal como ele e que observa tudo que se passa no palácio, pois “ele já possui certa idade” – ἐπεὶ οὐκέτι τηλικός ἐστίν (HOMERO, *Odisseia*, XIX, 85-87). Também Penélope, em diálogo com Odisseu disfarçado, menciona que Telêmaco já é um homem (ἀνὴρ) capaz de governar a casa (HOMERO, *Odisseia*, XIX, 160-161). Igualmente nota a mudança do filho e compara sua situação anterior com a atual: antes, quando Telêmaco era criança (νήπιος), não queria que ela se casasse, mas, naquele momento, ele já se encontrava crescido (μέγας), no limite de sua juventude (ἤβης μέτρον ἰκάνει), e preocupava-se com os bens do palácio, impondo-se assim a necessidade do fatídico casamento (HOMERO, *Odisseia*, XIX, 530-534). É inegável que as experiências descritas na *Telemachia* foram decisivas para essa transformação.

Em termos narrativos, o uso estratégico de Orestes como medida é justificável por inúmeras razões. Em primeiro lugar, pelo fato de serem coetâneos e pertencerem ao mesmo estrato social, de modo que a maturação social de ambos, além da sincronia esperada, é comparável nos termos das exigências particulares ao grupo. Em segundo lugar, porque são os filhos sobre os quais recai a expectativa sucessória no governo de Micenas, no caso de Orestes, e de Ítaca, no caso de Telêmaco. Finalmente, em terceiro lugar, porque há uma correlação de eventos que caracterizou, até determinado ponto, as trajetórias de Agamêmnon e Odisseu, e como afirma Dodds, “a vida do filho era um prolongamento da vida do pai” (DODDS, 2002, p. 41).

É por essa razão que o retorno que Homero faz à fatídica história de Agamêmnon não foi acidental. Os acontecimentos também foram narrados a Odisseu durante sua passagem pelo Hades. Tendo encontrado a *psiqué* do

Atrida, o herói errante inquiriu sobre as razões de sua morte, que até então lhe eram desconhecidas. Agamêmnon explicou que foi morto por Egisto, sendo que este recebeu o auxílio de sua mulher, Clitemnestra, para tramar a emboscada que lhe tirou a vida. Comentando a respeito da própria morte, Agamêmnon disse que fora assassinado “tal como um boi é abatido em um parol”- ὡς τίς τε κατέκτανε βούν ἐπὶ φάτνῃ (HOMERO, *Odisseia*, XI, 411). Em resposta, Odisseu recorda os muitos que pereceram por Helena, e Agamêmnon, mesmo após adverti-lo sobre os riscos de se confiar demasiadamente nas esposas, atenua a situação de Odisseu ao declarar que Penélope não seria capaz de cometer tais feitos:

ἀλλ' οὐ σοί γ', Ὀδυσσεῦ, φόνοσ ἔσσειται ἕκ γε γυναικός:
λίην γάρ πινυτή τε καὶ εὖ φρεσὶ μήδεα οἶδε
κούρη Ἰκαρίοιο, περίφρων Πηνελόπεια.

*Mas é certo que tua morte não virá de tua esposa, ó Odisseu,
posto que muito sábia e com a mente bem centrada
é a filha de Icário, a notável Penélope.*

(HOMERO, *Odisseia*, XI, 444-446)

A tragédia que envolveu o **νόστος**, o *retorno* de Agamêmnon, é apresentada como um paralelo ao périplo de Odisseu. Em ambos os casos, os heróis deixam a comunidade sobre a qual exercem influência, para combater os troianos, permitindo com suas ausências que a soberania fosse ameaçada. Ao longo desse período, suas esposas passaram a ser assediadas – Clitemnestra, por Egisto; Penélope, pelos inúmeros pretendentes que ocuparam o palácio. Finalmente, ambos possuíam filhos jovens sobre os quais recairia, no momento oportuno em que se tornassem adultos, a tarefa de restituir a ordem ameaçada.

Enquanto o discurso de Agamêmnon no Hades, através do exemplo *negativo* do que se passara, atuou no sentido de alertar Odisseu quanto a possíveis emboscadas, no caso de Telêmaco, as ações de Orestes serviriam como exemplo *positivo* em relação às condutas que deveria assumir. Em ambos os casos, o que se busca é simultaneamente assegurar soberania e garantir a sucessão do poder,⁶ um tema absolutamente regular no pensamento grego, como bem recordou Moses I. Finley (FINLEY, 1978, p. 128-129). Sendo ensinado a respeito das ações que deveria executar, Telêmaco amadureceu à sombra de Orestes.

A série de adjetivos atribuídos ao filho de Agamêmnon e suas ações revelam que, na épica homérica, a idade adulta e o heroísmo são indissociáveis. Nas palavras de Zeus, a *vingança*⁷ (τίσις) que ele imputou foi merecida (HOMERO, *Odisseia*, I, 40). Tanto Atena quanto Néstor destacaram o valor de Orestes ter sido bravo – ἄλκιμος (HOMERO, *Odisseia*, I, 320; HOMERO, *Odisseia*, III, 200). Néstor, em particular, definiu como sendo *bom, excelente* (ἀγαθός), quando um homem deixa um filho que possa vingá-lo (HOMERO, *Odisseia*, III, 196). Por fim, vimos também que o próprio Telêmaco aspirou a que pudesse ter força (δύναμις) similar para conduzir a retaliação em Ítaca (HOMERO, *Odisseia*, III, 205). Bravura, excelência, capacidade de se vingar, força: atributos indispensáveis a um herói épico para adquirir a fama, a glória (κλέος) que Orestes conquistou e que Telêmaco, versos mais tarde, viria a conquistar no extermínio dos pretendentes.

Ao lado da exortação dos valores necessários para a formação do adulto, o paralelo estabelecido com Orestes vincula Telêmaco a uma característica do mundo de Homero intimamente associada às relações de parentesco. Como observou Finley (1978, p. 91), “quando se tratava de atos criminais, era a família, e não a classe (ou a comunidade), a encarregada de conservar os padrões de conduta e de castigar qualquer violação”. Desse modo, o que se revela é um esforço dos envolvidos em inculcar no jovem as responsabilidades que deveria assumir.

Por fim, é possível conjecturar que o paralelismo que Homero estabeleceu entre os feitos de Orestes e Telêmaco, bem como entre o retorno de Agamêmnon e o de Odisseu, não se resume a um simples estratagema narrativo. É provável que esse recurso tenha sido referendado pelos costumes de uma sociedade oral que confiava aos *aedos* a comunicação, através do espaço mediterrâneo, dos acontecimentos particulares a algumas comunidades. Em se tratando de relatos envolvendo jovens da aristocracia, é inegável que se considere o valor *paidêutico* de uma narrativa que apresenta um herói sendo inspirado pelo heroísmo de seu coetâneo, capaz, pela rígida observação das escolhas que assumiu, de atingir elevadíssimo prestígio social. Mais do que isso, a poesia aédica, então cantada em lautos banquetes financiados pelas elites, foi portadora de um discurso de advertência àqueles que ameaçavam, tal como Egisto e os pretendentes, a soberania dos reis. Telêmaco, à sombra de Orestes, personifica a possibilidade de vingança que assolaria aqueles que se insurgissem contra o poder estabelecido.

TELEMACHUS IN THE ORESTES' SHADOW IN THE ADULTHOOD WAY

Abstract: *The article discusses the relation that Homer sets between Orestes and Telemachus, sons of Agamemnon and Odysseus respectively, in the consolidation of adulthood of the second character in the Odyssey.*

Keywords: *Homer; Telemachus; Adulthood.*

Documentação T.extual

HOMER. **Homeri Opera in five volumes.** Oxford: Oxford University Press, 1920.

_____. **L'Iliade.** Trad. Paul Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1949.

_____. **Odisseia.** Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

_____. **L'Odyssée.** Trad. Victor Bérard. Paris: Les Belles Lettres, 1967.

Referências bibliográficas

ARENDDT, H. **A condição humana.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BLATTERER, H. **Coming of age in times of uncertainty.** London: Berghahn Books, 2009.

CARLIER, P. **Homero.** Madrid: Akal, 2005.

DODDS, E. R. **Os gregos e o irracional.** São Paulo: Escuta, 2002.

DUARTE, A. S. **Cenas de reconhecimento na poesia grega.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.

EISENSTADT, S. N. **De geração a geração.** São Paulo: Perspectiva, 1976.

FASANO, G. Z. **Odisea: discurso y narrativa.** Buenos Aires: EDULP, 2004.

FUSTENBERG, F. F. Growing up is harder to do. **Contexts**, n. 3, v. 3, p. 33-41, 2004.

GILLIS, J. R. **Youth and History: traditions and change in European Age Relations, 1770-Present.** New York: Academic Press, 1981.

GRIFFIN, J. **Homero.** Madrid: Alianza Editorial, 2008.

JONES, P. V. The *Kléos* of Telemachus: Odyssey 1.95. **The American Journal of Philology**, v. 109, n. 4, p.496-506, 1988.

- LATEINER, D. **Sardonic Smile**: nonverbal behavior in Homeric epic. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2001.
- MERSER, C. **Grown-Ups**: a generation in search of adulthood. New York: G. P. Putnam's, 1987.
- MITTERAUER, M. **A History of Youth**. Cambridge: Blackwell, 1992.
- MORAES, A. S. A assembleia de Telêmaco como espaço de experiências. **Phoenix**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 13-24, 2010.
- MURNAGHAN, S. **Disguise and Recognition in the Odyssey**. Princeton: The Princeton University Press, 1987.
- _____. The Trials of Telemachus: who was the Odyssey meant for? **Arethusa**, n. 35, v. 1, p. 133-153, 2002.
- OFFRE, K. **Arbeitsgesellschaft**: Strukturprobleme und Zukunftsperspektiven. Frankfurt: Campus, 1984.
- PERROT, M. Worker Youth: From the Workshop to the Factory. In: SMITH, J.-C.; LEVI, G. (Org.) **A history of youth people**: stormy evolution to modern times. Cambridge: Harvard University Press, 1997.
- PETROPOULOS, J. C. B. **Kleos in a Minor Key**: the homeric education of a little prince. Cambridge: Harvard University Press, 2011.
- SOUSA, J. T. P. Apresentação do Dossiê. A sociedade vista pelas gerações. **Política & Sociedade**, n. 8, p. 9-29, 2006.
- TAKAHASHI, M. S. **A formação heroica de Telêmaco na Odisseia de Homero**. Dissertação de Mestrado – FFLCH, Universidade de São Paulo, 2012.
- WHITMAN, C. H. **Homer and the Heroic Tradition**. New York: The Norton Library, 1965.

Notas

¹ Não é acidental que esse acréscimo tardio ao vocabulário das idades da vida tenha influência nos modos pelos quais concebemos a idade adulta no âmbito das Ciências Humanas e Sociais. Filomena Carvalho de Sousa notou que “conceitos como adulez, aduleidade e adulecência são relativamente recentes e revelam a necessidade de conceptualização da temática; e ainda, demonstram a pertinência, a importância e a atualidade do estudo acerca do adulto” (SOUSA, 2007, p. 57).

² Segundo Carlier, “o filho de Odisseu, reconhecido por seus iguais, enriquecido pelos dons de hospitalidade, estaria bem situado para recrutar tropas contra seus

adversários” (CARLIER, 2005, p. 143). Cedric H. Whitman foi capaz de identificar uma intenção educativa na recepção condigna oferecida por Néstor, pautada por uma lógica moral e por um significado social, contrapondo-se ao banquete desordeiro que os pretendentes praticavam em Ítaca (WHITMAN, 1965, p. 251-252).

³ A concomitância do retorno não foi acidental, posto que “Telêmaco e Ulisses aparecem descritos em cenas separadas, e mais tarde se unem” (GRIFFIN, 2008, p. 85). Homero encaminha a narrativa de modo que o retorno de Telêmaco e o de Odisseu apresentem um paralelo.

⁴ Como observou Jones (1988, p. 502), Atena é enfática ao dizer que a viagem de Telêmaco estava sob sua responsabilidade.

⁵ Conforme Adriane da Silva Duarte (2012) considerou, o tema do reconhecimento [*αναγνώρισις*] tornou-se célebre através da *Poética* de Aristóteles. Para a autora, “o ato de reconhecer implica antes a verificação da existência de um vínculo entre os que o experimentam, mas que lhes era ignorado” (DUARTE, 2012, p. 106). Para Graciela Zecchin de Fasano, “a análise dos discursos que conformam a cena permite compreender que todos eles giram em torno da temática da identidade” (FASANO, 2004, p. 190)

⁶ De acordo com Sheila Murnaghan, a “a história de Orestes, que inspirou Telêmaco, deve ser abandonada como um modelo, pois ela representa um tipo de sucessão geracional na qual mãe e pai estariam mortos” (MURNAGHAN, 2002, p. 148). Parece-nos que não há qualquer razão para acatar essa advertência. A independência de Telêmaco não poderia representar uma ameaça à mãe, já que para assumir o comando de Ítaca era necessário que Penélope se casasse e abandonasse o *oikos*; contudo, esta decisão já estava assegurada e foi deliberadamente assumida pela própria quando, cética acerca do retorno de Odisseu, decidiu celebrar o concurso do arco e, finalmente, ceder ao novo casamento por tanto tempo protelado (HOMERO, *Odisseia*, XXI, 5-12).

⁷ Vingança esta que, de acordo com J. C. B. Petropoulos (2011, p. 84), representa “uma forma extrema de eficiência heroica”.